

MARCAS DO EROTISMO NO CONTO *CHAPEUZINHO VERMELHO*

MARKS OF EROTICISM IN THE TALE "LITTLE RED RIDING HOOD"

Michelle Gomes Soares¹

Neire Márzia Rincon²

RESUMO: Este artigo investiga sobre as marcas do erotismo no conto *Chapeuzinho Vermelho*, verificando por meio da análise comparativa entre o conto de fadas tradicional e os recontos feitos pelos Irmãos Grimm (1989) e Rubem Alves (2004), de que maneira a abordagem da sexualidade e dos desejos estão presentes em um texto voltado para o público infantil. O fato de narrar ou contar histórias faz parte da interação dos indivíduos entre si em um determinado contexto sócio histórico e o conto tornou-se um gênero textual muito importante neste processo, como os contos de fadas, dentre os quais, nos vêm à memória histórias universalmente conhecidas, como a de *Chapeuzinho Vermelho*. No entanto, por trás da beleza e inocência presentes nestes contos, há um universo muito amplo de significações distintas e peculiares, a exemplo, as marcas do erotismo, aspecto analisado neste trabalho, tendo como suporte teórico os autores Elias (2013), Bettelheim (1980), Tatar (2002) e outros.

PALAVRAS-CHAVE: *Chapeuzinho Vermelho*. Literatura Infantil. Conto. Erotismo.

ABSTRACT: *This article investigates the eroticism in the Little Red Riding Tale, verifying through a comparative analysis between the traditional fairy tale and the retellings made by Brothers Grimm (1989) and Rubem Alves (2004). Sexuality and desires are present in a text aimed at children. The fact of narrating or telling stories is part of the interaction of individuals with each other in a particular socio-historical context and the story has become a very important textual genre in this process, as fairy tales, among which, come to mind Stories universally known as Little Red Riding Hood. However, behind the beauty and innocence present in these tales, there is a very wide universe of distinct and peculiar meanings, for example, the marks of eroticism, an aspect analyzed in this work, having as theoretical support the authors Elias (2013), Bettelheim (1980), Tatar (2002) and others.*

KEYWORDS: *Little Red Riding Hood. Children's literature. Tale. Eroticism.*

¹ Mestranda em Estudos da Linguagem pela Universidade Federal de Goiás (UFG), Regional de Catalão. Especialista em Literatura Infantil e Juvenil: práticas de leitura e ensino, pela Universidade Estadual de Goiás (UEG), Câmpus Pires do Rio, Goiás, Brasil. E-mail: shellysuarez@hotmail.com.br

² Mestre em Letras e Linguística pela Universidade Federal de Goiás (UFG), Goiânia, e Docente do Curso de Letras da Universidade Estadual de Goiás (UEG), Câmpus Pires do Rio, Goiás, Brasil. E-mail: neiremarzia@hotmail.com

Introdução

Os contos, desde a sua origem em meio às conversas e trocas de experiências dos indivíduos das sociedades primitivas, até a atualidade, com o surgimento de vários autores com distintos e singulares modos de narrar, configuram-se como um gênero textual muito interessante a ser apreciado. Talvez em virtude de que o ato de narrar ou contar histórias esteja especialmente ligado ao ser humano, uma vez que faz parte da interação dos indivíduos entre si num determinado contexto sócio histórico (ELIAS, 2013).

Segundo Júnior (2009), quando se fala em contos de fadas, hoje, geralmente nos vêm à memória as obras universalmente conhecidas como: *Chapeuzinho Vermelho*, *A Bela Adormecida*, *O Pequeno Polegar* e *Barba Azul*, dentre outras, que nos foram contadas na infância por nossos pais, babás ou professores, com a intenção primordial de mediar nossos primeiros contatos com a literatura e assegurar momentos de ludicidade e entretenimento (JÚNIOR, 2009).

Além disso, Pereira (2014) assevera que nos contos de fadas estão expressas questões que fomentam o crescimento intelectual e emocional da criança e do adolescente, bem como propõem prazer ao apresentar possíveis lados positivos de situações consideradas difíceis de serem compreendidas e vivenciadas, as quais aparecem representadas nas releituras dos contos de fadas.

Os contos de fadas clássicos possuem características universais, a saber: a presença de seres fantásticos, magia, reis e rainhas, príncipes e princesas, que ao realizarem grandes feitos e vencerem grandes batalhas, conseguem ao final a paz e o sucesso merecidos, combatendo as forças do mal e vivendo felizes para sempre. Eram, no entanto, histórias que permeavam o cotidiano dos adultos, repassadas oralmente, sendo enfim adaptadas para as crianças no final do século XVII, por meio dos escritos de Charles Perrault (ELIAS, 2013).

Todavia, por trás dessa beleza e inocência, há um universo muito amplo de significações distintas e peculiares, características das narrativas que deram origem a esse modelo tradicional de conto: as marcas do erotismo. Especificamente, podemos citar o caso da história que inspirou *Chapeuzinho Vermelho*, uma vez que a menina (que ainda não era descrita como portadora do capuz rubro) era induzida pelo lobo a comer fatias de carne e a beber o sangue da avó antes de se despir em uma espécie de ritual erótico e, por fim, ser devorada por seu algoz. Para Darnton (1986), o conteúdo extremamente explícito dos contos

SOARES, Michelle Gomes; RINCON, Neire Márzia. *Marcas do erotismo no conto Chapeuzinho Vermelho*.

difundidos pela oralidade era reflexo do próprio meio de vida dos seus principais propagadores, ou seja, camponeses pobres, sobretudo os franceses.

Desta forma, a partir dos estudos realizados em algumas disciplinas da Pós-Graduação *Lato Sensu* em Literatura Infantil e Juvenil: práticas de leitura e ensino, oferecida pela Universidade Estadual de Goiás - Câmpus Pires do Rio, nasceu o interesse em pesquisar as marcas do erotismo presentes no conto *Chapeuzinho Vermelho* de Charles Perrault (2007), analisando-o, comparativamente, aos recontos feitos pelos Irmãos Grimm (2002) e por Rubem Alves (2004). Daí surgiu a problemática: quais aspectos relativos à paixão amorosa, a sexualidade humana e ao erotismo literário aparecem no referido conto?

Portanto, este trabalho tem como objetivo refletir questões relativas à paixão amorosa, à sexualidade humana e ao erotismo literário nas novas versões do conto *Chapeuzinho Vermelho* por meio de análise comparativa. Haja vista que, a metodologia de um trabalho é a forma como se conduz uma pesquisa, ou seja, trata-se das atividades práticas necessárias para a aquisição dos dados com os quais se desenvolverão os raciocínios posteriores. Nesse contexto, a pesquisa assume papel importante dentro de um trabalho científico, pois a pesquisa é uma forma de aprimoramento, de pôr em prática e de construir conhecimento de maneira significativa.

1 Erotismo nos Contos de Fadas

O erotismo, etimologicamente falando, provém de Eros que, de acordo com a mitologia grega, seria o deus do amor, em que cabe a Eros, unir, combinar e multiplicar todos os seres vivos. No entanto, esse conhecimento de união não se limita às manifestações sexuais, elas vão muito além de tal descrição.

Para Bataille (1987), a essência do erotismo encontra-se na transgressão, visto que o mesmo resulta da atividade sexual dos seres humanos, enquanto prazer e, paralelamente, consciência do interdito. O erotismo é, então, o meio para revelar os mais íntimos aspectos da natureza humana.

Atualmente, a ideia de erotismo está instantaneamente ligada à prática sexual. Portanto, é necessário ressaltar que “o erotismo não tem por objetivo o enfoque do ato sexual em si, mas a infinita gama de matizes sexuais que presidem a intimidade entre os sexos” (FRANCONI, 1997, p.17). O erotismo desempenha função preponderante na vida humana,

SOARES, Michelle Gomes; RINCON, Neire Márzia. *Marcas do erotismo no conto Chapeuzinho Vermelho*.

por ser ele o responsável por motivar boa parte de nossas atitudes e por definir amplamente o caráter de nossas ações. Constitui a parte problemática na vida dos indivíduos, o que não se verifica em outras espécies, porque somente a humanidade reinventou sua sexualidade transformando-a em erótica.

Para os animais, a cópula é uniforme e motivada, ao que tudo indica, somente pela necessidade reprodutora e instintiva. Enquanto na vida humana, o erotismo se situa para além da sexualidade, conseqüentemente da reprodução, pois a sexualidade deixou de ser uma atitude mecânica e pragmática para atender, sobretudo, a uma busca psicológica. Com isso, os sujeitos vislumbraram no erotismo formas diversas de se transformarem e de, ao mesmo tempo, transformar os modos de manifestação de sua sexualidade.

Em decorrência de sua representatividade na existência humana, os temas do erotismo não poderiam estar fora da arte literária. Remonta a tempos imemoriais os registros artisticamente tratados que consideram a união e/ou separação dos amantes, a indizível experiência do sentimento amoroso, a intimidade física divisada no encontro entre os amantes, a sexualidade em suas mais diversas formas.

Muito do que é colocado sob a denominação de “erótico” é feito com a intenção de inserir a obra dentro de um modelo autorizado, “higienizado”, sem ferir os padrões de moralidade das sociedades, que consideram tais assuntos frívolos ou imorais. Em outros termos, a literatura erótica quase sempre é assim chamada para atender exigências morais, mas boa parte do que é denominado de erótico pertence ao âmbito do pornográfico ou do obsceno.

Entende-se, comumente, que o erotismo literário se manifesta através das sugestões do ato amoroso, sendo constituído através do jogo linguístico do velar e desvelar, em que o relato da íntima união dos amantes é representado sem, contudo, ferir a moral burguesa. Ao passo que no texto erótico os aspectos sexuais são mais implícitos, levando-se em conta não apenas o prazer sexual, mas a sedução e a paixão.

Nesse sentido, é possível identificar as marcas do erotismo mesmo em obras ou gêneros que se voltam exclusivamente para o público infantil, a exemplo, o conto *Chapeuzinho Vermelho* de Charles Perrault. Assim, Tatar (2002) ressalta que os contos de fadas lidos pelas crianças tiveram suas origens em narrativas orais que inicialmente eram voltadas apenas para o público adulto, visto que possuíam em suas narrativas conteúdos

SOARES, Michelle Gomes; RINCON, Neire Márzia. *Marcas do erotismo no conto Chapeuzinho Vermelho*.

extremamente sexuais, sendo que apenas no final do século XVII começaram a pensar e a preocupar-se na modificação e adaptação dos contos para o público infantil.

A partir daí, os contos de fadas passaram a ter um caráter pedagógico, nutrindo os padrões de repressão sexual, os quais encaminham a criança para reprimirem aquilo que é tido como impróprio e imoral ao narrar os castigos a que estão sujeitos, caso transgridam e cedam aos impulsos de seu corpo (ELIAS, 2013).

2 Marcas do Erotismo no Conto *Chapeuzinho Vermelho*

Os contos de fadas são versões escritas de contos folclóricos de magia derivados de antigas tradições orais, que ganharam formas literárias na Europa, no final do século XVII, alcançando grande popularidade. Segundo Canton (1994, p. 12), os contos de fadas não podem ser considerados apenas um material do folclore antigo. Eles não são atemporais, universais ou neutros como se acredita. Essas histórias, ao serem adaptadas para textos literários, foram modificadas, conforme o contexto histórico-social e cultural particular de cada época vivida pelos autores que as reescreveram.

Muitas das histórias infantis são originárias da magia, da fantasia, em que tudo se resolve de maneira fantástica, fugindo das limitações e incertezas da vida. Foram escritas a partir da Idade Média, cujas suas raízes remontam ao folclore popular e foram adaptadas e recriadas de forma particular por Charles Perrault e, posteriormente, suavizadas pelos Irmãos Grimm.

A partir dos contos apresentados por Perrault, a sociedade passou a conhecer o que ficou denominado de contos de fadas. Segundo Castro (2004, p. 26) “a estrutura popular dos contos correspondentes à preferência e à expectativa psicológica da criança, fez dessas maravilhosas histórias a primeira expressão de Literatura Infantil”.

Quando Perrault publicou sua coleção de contos de fadas em 1697, Capinha Vermelha já era uma estória antiga, com elementos que remontavam a tempos atrás. Destaca-se a existência do mito de Cronos, no qual ele engole os filhos que, de modo miraculoso, conseguem sair de seu estômago e no lugar deles colocam pedras pesadas. Há ainda uma estória latina, de 1023 (de Egberto de Lièges, chamada *Fecunda ratis*), na qual uma menina é descoberta na companhia dos lobos, usando uma manta vermelha, a qual tem grande importância para ela. Segundo alguns estudiosos, esta manta era um capuz vermelho.

SOARES, Michelle Gomes; RINCON, Neire Márzia. *Marcas do erotismo no conto Chapeuzinho Vermelho*.

Deste modo, então, seis séculos ou mais antes da estória de Perrault, encontramos alguns elementos básicos de Capinha Vermelha: uma menina com um capuz vermelho, a companhia dos lobos, uma criança sendo devorada viva e que retorna incólume (sã e salva), sendo uma pedra colocada no lugar da criança. (BETTELHEIM, 1980).

As identidades de gênero e sexuais estão em constante transformação. Enquanto a identidade de gênero está associada ao contexto histórico e sociocultural dos sujeitos reconhecidos como masculinos ou femininos; a identidade sexual se relaciona à forma como os sujeitos vivenciam e experimentam seus desejos corporais, sozinhos/as, com parceiros do mesmo sexo ou não (LOURO, 1997). Tais identidades são instáveis, ou seja, passíveis de transformações.

A sexualidade, por estar associada ao prazer, é fundamental ao desenvolvimento psíquico dos indivíduos. Embora esteja atrelada ao corpo biológico, não deixa de ser um produto histórico e sociocultural, modelado em situações sociais reais. É alvo de controle por parte de várias instituições sociais (família, igreja, escola), incluindo-se, ainda, os livros didáticos e paradidáticos. Nos últimos tempos, ela tem sido controlada, principalmente, nas escolas, quando, por exemplo, educadores/as com responsabilidade tentam moldar os comportamentos que consideram mais apropriados para meninos e meninas.

As relações de gênero e sexuais podem ser representadas na literatura infantil, já que essa se constitui como um elemento cultural. A literatura pode estimular a produção de conceitos, bem como ser considerada um objeto de massificação social. Carvalho e Bedendo (2001, p. 10) asseveram que a literatura deve propiciar uma reorganização das percepções do mundo e, desse modo, possibilitar uma nova ordenação das experiências existenciais da criança.

A convivência com textos literários provoca a formação de novos padrões e o desenvolvimento do senso crítico. A literatura é capaz de estimular o leitor a buscar novas possibilidades existenciais, sociais, culturais e educacionais. A criança, por meio da interação social, consegue construir seus conceitos. Segundo Brunelli (2004, p.10), “a construção do gênero vai se dando no dia a dia, à medida que a criança vai sendo socializada na família, na escola, na comunidade e vai introjetando o modelo de homem ou de mulher que lhe é apresentado”. Sendo assim, a formação identitária do gênero feminino e masculino e seus respectivos papéis é possível por meio da introdução da literatura ao dar ênfase ao imaginário e à realidade social.

Tanto Perrault como os Grimm se empenharam em extirpar os elementos grotescos, obscenos, dos contos originais dos camponeses (em algumas versões, Chapeuzinho Vermelho come os restos do lobo, saboreando a “carne” e o “vinho” na despensa da avó). Reescreveram os episódios de modo a produzir um conto moralmente edificante, que encerra uma série de mensagens sobre a vaidade e a ociosidade. A *Chapeuzinho Vermelho* de Perrault se “diverte” por um tempo apanhando castanhas, caçando borboletas e colhendo flores, e não é à toa que cai nas mãos de um feroz predador. A *Chapeuzinho Vermelho* dos Grimm também apagou todos os vestígios da jocosidade erótica das versões orais e pôs a ação a serviço do ensinamento de lições (TATAR, 2002).

O conto de Perrault é uma narrativa breve, contendo em seu final um poema com lição moral. A linguagem simples e ingênua utilizada em *Chapeuzinho Vermelho* se justifica pela aproximação ao popular e ao vocabulário infantil daquela época. Apresenta uma aspiração a ser realizada por Chapeuzinho: levar sozinha um bolinho e um potinho de manteiga para a avó doente, que morava em uma aldeia vizinha, conforme relata Perrault (2007, p.234): “Certo dia, tendo cozinhado e feito bolos folhados, sua mãe lhe diz: Vai ver como está passando tua avó, pois ela me disse que estava doente; leva-lhe um bolo folhado e este pequeno pote de manteiga”.

Os obstáculos não são colocados de forma clara para Chapeuzinho. A menina não é advertida sobre os perigos que poderia enfrentar. Ao encontrar o lobo, ela conta-lhe sobre a avó e, ainda, aceita o conselho dele: ir pelo caminho mais longo.

O lobo lhe perguntou aonde ia; a pobre criança, que não sabia que é perigoso deter-se para escutar um lobo, lhe disse: Vou ver minha avó e levar-lhe um bolo folhado com um potinho de manteiga que minha mãe está lhe enviando. Tua avó mora muito longe? — pergunta-lhe o Lobo. Oh! Sim — diz Chapeuzinho Vermelho — é para lá do moinho que vedes bem lá embaixo, lá embaixo, na primeira casa da aldeia. Olha — diz o Lobo — quero ir vê-la também; eu vou por este caminho aqui e tu por aquele caminho de lá e logo nos veremos. (PERRAULT, 2007, p.234)

A menina fica por um bom tempo colhendo flores para sua avó, dando tempo para que o lobo chegasse à casa da avó antes dela. Nessa narrativa não se realiza a conquista do objetivo enunciado, pois o lobo, ao chegar à casa da avó, devora-a e, quando Chapeuzinho chega, ele faz o mesmo com ela. Desta forma, a heroína não consegue alcançar o objetivo almejado (SILVA; BORTOLIN, 2011, p. 29-30).

Entre os temas recorrentes nos contos de Perrault, convém ressaltar a repressão, a qual está representada no conto pela figura da mãe, da avó e pelo alimento a ser levado para a avó da menina. Há ainda a rebeldia vivenciada por Chapeuzinho ao percorrer o caminho mais longo e ao encontrar e dialogar com o lobo. “Todas estas variantes do discurso narrativo reforçam o caráter de censura e de quebra das relações sociais estabelecidas no desenrolar do conto”, como assevera Lima (2008).

Além do mais, três elementos operam como o núcleo da narrativa de *Chapeuzinho Vermelho*: prazer, sedução e sexualidade. A menina que avança pela floresta distrai-se de sua missão, é seduzida e enganada pelo lobo, sendo envolvida em uma espécie de bacanal de fadas com ele e a avó na cama da última. Grimm ainda concede-lhe uma chance de reabilitação, ao final. Perrault, sem dó nem piedade, condena a criança a ser irremediavelmente devorada pelo bicho, escolha a que deve, talvez, a bem menor popularidade de sua versão.

É claro que nada disso se dá sem objetivo. Dizem os psicanalistas que “*Chapeuzinho Vermelho* aborda alguns problemas cruciais que a menina em idade escolar tem de solucionar quando as ligações edípicas persistem no inconsciente, o que pode levá-la a expor-se perigosamente a possíveis seduções”. (BETTELHEIM, 1980, p.206). Daí a ostentação da cor que personifica a sedução: o vermelho.

“Era uma vez uma menininha encantadora” – começam os Grimm. (TATAR, 2002, p. 30). Perrault conta-nos que *Chapeuzinho* sai de casa levando, para a avó, “uma torta e um potezinho de manteiga”. O conto de Grimm fala em “alguns bolinhos e uma garrafa de vinho” (TATAR, 2002, p.30). Perceba-se que, em ambos os casos, trata-se das guloseimas reconfortantes do amor, da comida que ampara o corpo, confirmando os laços.

Na versão dos Grimm, percebe-se claramente a advertência feita à menina:

Certo dia, sua mãe lhe disse: — Vem cá, Chapeuzinho Vermelho; aqui tens um pedaço de bolo e uma garrafa de vinho, leva isto para a vovó; ela está doente e fraca e se fortificará com isto. Sai antes que comece a esquentar, e quando saíres, anda direitinha e comportada e não saias do caminho, senão podes cair e quebrar o vidro e a vovó ficará sem nada. E quando chegares lá, não esqueças de dizer bom-dia, e não fiques espiando por todos os cantos. (GRIMM, 1989, 144)

Os autores “descrevem, através de um diálogo entre a mãe e a menina, observações impostas a respeito dos cuidados e medos que ela deveria ter para ir à casa da

SOARES, Michelle Gomes; RINCON, Neire Márzia. *Marcas do erotismo no conto Chapeuzinho Vermelho*.

avó” (LIMA, 2008). Nessa narrativa, a avó e a menina não morrem. O surgimento da personagem do caçador inverte a ordem discursiva, o que não acontece na versão de Perrault, em que as duas são devoradas pelo lobo. Como pode-se constatar na versão de Grimm (1989, p. 148), o caçador passou perto da casa e pensou: “Como a velha está roncando hoje! Preciso ver se não lhe falta alguma coisa”. Então, ao entrar na casa e ao olhar para a cama, viu que o lobo dormia nela. Assim, elas “são salvas por um caçador que manda o lobo desta para melhor após efetuar uma cesariana com uma tesoura” (TATAR, 2002, p. 28). O lobo é castigado no final da história, embora não tenha realizado nada mais que lhe seja natural, devorar para alimentar-se, sendo normal, também, o homem matar o lobo, para cumprir tal façanha (BETTELHEIN, 1980).

Na narrativa, é conhecida a passagem em que Chapeuzinho Vermelho chega à casa da avó, que já foi comida pelo lobo. Desconfiadíssima com o animal monstruoso que, deitado na cama, tenta se fazer passar pela vovozinha, a menina lança um desafio na forma de uma ladainha de perguntas e respostas:

- Minha avó, como você tem braços grandes!
- É pra te abraçar melhor, minha filha.
- Minha avó, como você tem pernas grandes!
- É pra correr melhor, minha menina. (PERRAULT, 2007).

Os Irmãos Grimm cedem espaço para a entrada de um onipotente caçador, que abre a barriga do lobo, retira avó e neta ilesas: “Ah, eu estava tão apavorada! Como estava escuro na barriga do lobo!” (TARTAR, 2002, p.34). Em seguida, recheia novamente o bicho com pedras e extermina o malvado.

Já Rubem Alves conseguiu reescrever o conto original *Chapeuzinho Vermelho*, dando sua contribuição para a literatura infantil brasileira, incorporando valores e comportamentos contemporâneos.

O autor narra a história de uma adolescente chamada Rúbia, de cabelos tingidos de ruivo. Ela morava em uma mansão luxuosa com a mãe e ambicionava ser modelo e encontrar um homem bem sucedido. Numa noite a mãe pede à filha que leve uma cesta básica para a avó, que morava na favela da Rocinha. A menina aceitou o pedido na condição de ir dirigindo o luxuoso BMW da mãe, embora ir à Rocinha à noite era muito perigoso, porque poderia haver sequestradores. No caminho o pneu do carro furou. Em seu auxílio, surge um

SOARES, Michelle Gomes; RINCON, Neire Márzia. *Marcas do erotismo no conto Chapeuzinho Vermelho*.

homem elegante, dirigindo uma Mercedes. Apresenta-se como Crescêncio Lobo e lhe oferece ajuda. A jovem sente-se atraída por ele, pois parecia ser rico. Ela aceita o seu auxílio. Após a troca do pneu, ele oferece-lhe a sua companhia até à casa da avó com o intuito de protegê-la de qualquer mal. Chegando lá, Crescêncio Lobo encanta-se com a beleza e inteligência da avó. Os dois se envolvem em conversa. Rúbia enciumada começa a ficar histérica. A avó e Crescêncio Lobo tentam acalmá-la, mas não conseguem. Policiais, que por ali passavam, ouvem a gritaria, entram na casa e percebem que ela precisa de um tratamento psiquiátrico. Eles convencem-na de ir para o hospital. Rúbia encanta-se com o charmoso delegado-chefe que a socorreu. No final, a avó e Crescêncio Lobo iniciam uma relação amorosa e ele paga a ela uma cirurgia plástica, para que ficasse mais jovem. E Rúbia relaciona-se afetivamente com o delegado-chefe, que possuía mestrado em psicologia da adolescência (ALVES, 2004).

Nessa versão, acontece o inverso das leituras tradicionais de *Chapeuzinho Vermelho*. A adolescente da trama apresenta-se como predadora, visto que está em busca de um empresário de modelos. Ela pretende tornar-se modelo; por isso, tingiu “seu cabelo castanho que ela considerava vulgar... Morenas há muitas. O vermelho de seus cabelos era confirmado pelo seu temperamento: ela era fogo e enrubescia quando ficava brava” (ALVES, 2004, p. 10). A personagem é nomeada de Rúbia, nome que, segundo o autor, é derivado “do latim, *rubeus*, que quer dizer vermelho, ruivo”. O autor, ao mencionar a cor vermelha dos cabelos de Rúbia, remete o leitor aos textos tradicionais de *Chapeuzinho Vermelho*, em que a protagonista usa um capuz, capa ou chapéu vermelho, conforme relatam Perrault e os Grimm.

Ao analisar o conto de Rubem Alves, percebemos que preserva alguns aspectos tradicionais referentes à representação do homem, embora seja produzido na atualidade. Ou seja, rememora de forma diferente o discurso machista e patriarcal, pois consegue inovar ao trazer as personagens para o espaço e tempo contemporâneos. Desta forma, a narrativa do conto de *Chapeuzinho Vermelho* de Rubem Alves se passa em um ambiente diferente das versões dos Irmãos Grimm e Perrault, já que a história contada ambienta-se em uma favela do Rio de Janeiro e o lobo era um homem muito elegante em uma Mercedes, o qual chama a atenção de Rúbia, uma jovem ambiciosa.

Estas narrativas são indicadas tanto ao público infantil quanto juvenil, cujas versões facilitam à criança e ao jovem a compreensão de certos valores básicos da conduta humana ou convívio social, como as personagens malvadas e bondosas, bonitas e feias,

SOARES, Michelle Gomes; RINCON, Neire Márzia. *Marcas do erotismo no conto Chapeuzinho Vermelho*.

poderosas e fracas. Além disso, de forma mais ou menos sutil desvelam em suas entrelinhas marcas do erotismo e da sexualidade, quando a menina é seduzida pelo lobo.

Considerações Finais

A pretensão deste trabalho foi a de analisar se, em uma das histórias mais conhecidas de todos os tempos, o conto *Chapeuzinho Vermelho*, há referências ao erotismo. Neste sentido, no conto de fadas tradicional de Charles Perrault, bem como nos recontos feitos pelos Irmãos Grimm e por Rubem Alves, é perceptível, embora sejam voltadas para o público infantil, uma narrativa que expressa o desejo e a sexualidade.

Pode-se ainda notar que os textos possuem um aspecto liberador e ao mesmo tempo repressor, quanto ao enfoque da sexualidade. Chapeuzinho Vermelho é punida por se deixar ser seduzida pelo lobo, ora sendo devorada por ele, ora sentindo-se atraída por Crescêncio Lobo e depois perdendo-o para a própria avó.

REFERÊNCIAS

ALVES, Rubem. Chapeuzinho Vermelho. In: ALVES, Rubem. *Caindo na real: Cinderela e Chapeuzinho Vermelho para o tempo atual*. Campinas, SP: Papirus, 2004.

BATAILLE, Georges. *O Erotismo*. 2. ed Tradução: Antônio Carlos Viana. Porto Alegre: L&PM,. 1987.

BETTELHEIM, Bruno. *A Psicanálise Dos Contos de Fadas*. 1980. Disponível em: <<http://www.scribd.com/doc/9937711/Bruno-Bettelheim-A-Psicanalise-Dos-Contos-de-Fadas>>. Acesso em: 16 outubro 2016.

BRUNELLI, Delir. *Conceitos básicos para entender a identidade de gênero*. Mulheres consagradas gerando a nova história. São Paulo: Paulus, 2004.

CANTON, Katia. *E o príncipe dançou...* São Paulo: Ática, 1994.

CARVALHO, Elisandra Fernandes de; BEDENDO, Simone Nardi. *Questões de gênero na educação infantil*. Concórdia, SC, 2001.

CASTRO, Célia Romea. Linguagem oral e escrita na Educação Infantil. In: LEIXA, Arribas Tereza (Org.). *Educação infantil: desenvolvimento, currículo e organização escolar*. 5. ed. Trad. Fátima Murad. Porto Alegre: Artmed, 2004.

DARNTON, Robert. *O Grande Massacre de Gatos*. Rio de Janeiro: Graal, 1986.

SOARES, Michelle Gomes; RINCON, Neire Márzia. *Marcas do erotismo no conto Chapeuzinho Vermelho*.

ELIAS, Solange da Silva. *Por trás da capa vermelha: marcas do erotismo em Chapeuzinho Vermelho de Charles Perrault*. Monografia (Licenciatura em Letras) – Universidade Estadual da Paraíba. Catolé do Rocha – PB, 2013.

FRANCONI, Zilda de Oliveira. A literatura de autoria feminina. In: FERREIRA, Sílvia Lúcia; NASCIMENTO, Emília Rosendo do (Orgs.). *Imagens da mulher na cultura contemporânea*. Salvador: NEIM/UFBR, 1997.

GRIMM, Irmãos. *Contos de Fadas*. 4. ed. São Paulo: Editora Iluminuras, 2002.

JÚNIOR, André Bozzetto. Moralidade e fantasia: as versões clássicas de “Chapeuzinho Vermelho” e seus leitores pressupostos. *Revista Litteris*, nº2, ano 2009.

LIMA, Adalberto. *Literatura Infanto-Juvenil*, 2008. Disponível em: <<http://recantodasletras.uol.com.br/juvenil/774207>>. Acesso em: 15 outubro 2016.

LOURO, Guacira Lopes. *Gênero, sexualidade e educação*. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 1997.

MEYER, Dagmar Estermann. *Gênero e educação: teoria e política*. Petrópolis: Vozes, 2003, p. 9 - 27.

PEREIRA, Histávena Duarte. *Releituras de Chapeuzinho Vermelho: Era uma vez... em outras vozes*. Dissertação (Mestrado em Estudos da Linguagem) – Universidade Federal de Goiás – Campus Catalão, Catalão-GO, 2014.

PERRAULT, Charles. Chapeuzinho Vermelho, In: *Contos de Perrault*. Trad. Regina Regis Junqueira. Belo Horizonte: Itatiaia, 2007.

SILVA, Rovilson José da; BORTOLIN, Sueli. As diferentes cores de Chapeuzinho. In: REZENDE, Lucinea Aparecida (Org.). *Leitura infanto-juvenil: abordagens teórico-práticas*. Londrina: EDUEL, 2011, p. 23-40.

TATAR, Maria. *Contos de Fadas*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2002.

Recebido em 09/06/2017

Aprovado em 02/07/2017